

ELSINORE



**RAPARIGA
ENCONTRA
RAPAZ**

Ali Smith

«Um livro que
é um glorioso
sonho lúcido.»

The Observer

Τάδε νυν ἔταιραις
ταῖς ἐμαιοσι τέρπνα κάλως ἀείσω

para Lucy Cuthbertson

para Sarah Wood

Longe, numa qualquer outra categoria,
longe da afetação e da ostentação em que
os nossos corpos e almas se enredaram,
forja-se o instrumento da nova alvorada.

E. M. Forster

É próprio do mundo tacanho
suspeitar do indefinido.

Joseph Roth

Penso na diferença entre História e mito.
Ou entre expressão e visão. Na necessidade
da narrativa e na simultânea necessidade
de fuga ao espartilho da História — de errar
a citação.

Kathy Acker

O género não devia ser concebido como uma
identidade estável [...] pelo contrário, o género
é uma identidade tenuemente constituída no tempo.

Judith Butler

Praticar apenas impossibilidades.

John Lily

EU

Deixem-me que vos fale de quando era rapariga, diz o nosso avô.

É final da tarde de sábado; ficamos sempre em casa deles aos sábados. O sofá e as cadeiras estão encostados às paredes. A mesinha de teca foi retirada do centro da sala e colocada por baixo da janela. O chão foi desimpedido para praticarmos as cambalhotas à frente e à retaguarda, para treinarmos malabarismos com laranjas e ovos, para aprendermos a fazer a roda, o pino, a caminhar sobre as mãos. O nosso avô segura-nos de pernas para o ar até nos equilibrarmos. O nosso avô trabalhou num circo antes de ter conhecido a nossa avó e casado com ela. Em tempos foi equilibrista e encimou a pirâmide formada por uma trupe apoiada sobre as mãos. Em tempos atravessou o Tamisa numa corda bamba. O Tamisa é um rio em Londres, que fica a oitocentos e cinquenta quilómetros daqui, segundo a tabela quilométrica no livro do Real Automóvel Clube que o nosso pai tem na biblioteca lá de casa. Atravessou o Tamisa, foi?, diz a nossa avó. Não foram as cataratas de Niágara? Ah, Niágara, diz o nosso avô. Isso é uma outra história.

Terminada a sessão de ginástica, daremos início ao Encontro às Cegas. Às vezes, depois da ginástica, entretemo-nos com o Jogo das Gerações. Em tempos, o Jogo das Gerações era o passatempo favorito da nossa mãe, muito antes de termos nascido, quando ela era pequena

como nós. Mas a nossa mãe já cá não está e, de qualquer forma, preferimos o Encontro às Cegas, em que todas as semanas sem exceção um rapaz escolhe uma de três raparigas e uma rapariga escolhe um de três rapazes, sempre com um biombo e a estrela televisiva Cilla Black entre eles. Depois os rapazes e as raparigas do programa da semana anterior regressam para falar do seu encontro às cegas, que, regra geral, foi horrível, e há sempre a excitação de descobrir se alguém irá casar — que é o que as pessoas fazem antes de se divorciarem — numa cerimónia em que a estrela televisiva Cilla Black terá oportunidade de usar chapéu.

Mas afinal de contas a estrela televisiva Cilla Black é o quê, rapaz ou rapariga? Não parece uma coisa nem outra. Pode olhar para os rapazes se quiser; pode contornar o biombo e olhar para as raparigas. Pode estar entre os dois lados das coisas como um mágico, ou uma piada. A plateia ri sempre deliciada quando ela o faz.

Estás a ser ridícula, Anthea, diz a Midge, a encolher os olhos na minha direção.

A Cilla Black é dos anos sessenta, diz a nossa avó, como se isso explicasse tudo.

É noite de sábado, hora do chá depois da ceia e antes do nosso banho. É sempre excitante ocupar cadeiras fora do lugar onde habitualmente estão. A Midge e eu estamos ao colo do nosso avô, uma em cada joelho, os três afundados na poltrona reclinada à espera que a nossa avó se instale. Arrasta a poltrona dela na direção do aquecedor elétrico. Desvia a mesa de centro com o peso do corpo para poder ver os resultados do futebol. Não é preciso pôr som na televisão para isso. Depois arruma cuidadosamente a pilha de revistas na prateleira inferior da mesa e senta-se. As chávenas fumegam. Na boca temos o sabor a torrada com manteiga.

Pelo menos, presumo que todos o tenhamos, visto que todos comemos da mesma torrada, bem, partes diferentes da mesma torrada. É nesse momento que começo a ficar inquieta. Porque: e se as coisas tiverem um sabor diferente para cada um de nós? E se cada parte de torrada tiver um sabor completamente diferente? Afinal, as duas que comi tinham de facto um sabor ligeiramente diferente. Olho em volta e observo cada um de nós, cabeça a cabeça. Depois volto a provar o sabor na minha boca.

Nunca vos falei daquela vez em que me meteram na cadeia uma semana, quando era rapariga?, diz o nosso avô.

Porque é que te meteram na cadeia?, digo eu.

Por teres dito que eras rapariga sem o seres, diz a Midge.

Por escrever palavras, diz a nossa avó.

Que palavras?, digo eu.

NÃO HÁ VOTOS NÃO HÁ GOLFE, diz o nosso avô.

Meteram-nos na cadeia por termos escrito isso no relvado de golfe com ácido, eu e uma amiga. Para que é que uma menina como tu quer ácido?, perguntou-me o senhor da drogaria quando o fui comprar.

Avô, pára com isso, diz a Midge.

Para que é que uma menina como tu quer quinze frascos disto?, perguntou-me. E eu, feito parvo, contei-lhe a verdade. Quero usá-lo para escrever palavras no campo de golfe, disse-lhe, e ele vendeu-me logo os frascos, sem hesitar, mas depois foi à esquadra contar ao Harry Cathcart quem lhe tinha aparecido na drogaria para comprar ácido em doses industriais. Mas foi um orgulho para nós termos sido presas. Senti orgulho quando me foram buscar. Na esquadra disse-lhes a todos: faço isto porque a minha mãe não sabe escrever o próprio nome com palavras, quanto mais votar. A vossa bisavó escrevia o nome com xis. X X X. Mary Isobel Gunn.

E quando nós participámos na Marcha da Lama, diz o nosso avô. Uma experiência e tanto. Ficou conhecida como Marcha da Lama porque... Porque é que terá sido?

Porque havia lama, digo eu.

Porque ficámos cheias de lama até à bainha das saias, diz o nosso avô.

Avô, diz a Midge. Pára com isso.

Haviam de ter ouvido a mistura de sotaques que saíam de todas nós, parecia um enorme bando das mais diversas aves, todas no céu, todas a cantar ao mesmo tempo. Melros e tentilhões e gaivotas e tordos e estorninhos e andorinhões e abibes, imaginem só. De todo o país, de Manchester, Birmingham, Liverpool, Huddersfield, Leeds, todas as raparigas que trabalhavam no vestuário, porque era isso que a maior parte de nós fazia, na indústria têxtil, bem entendido, e de Glasgow, de Fife, até mesmo daqui de cima partiram raparigas. O medo despertado pela nossa marcha foi tal que se apressaram a criar novas leis contra nós. Disseram que só podíamos marchar em grupos de não mais de doze raparigas. E cada grupo de doze raparigas tinha de marchar a cinquenta metros do outro grupo de doze. E o que é que vocês acham que nos atiraram por marcharmos, o que é que acham que nos atiraram quando falámos às enormes multidões de pessoas atentas?

Ovos e laranjas, digo eu. Lama.

Tomates e cabeças de peixe, diz a Midge.

E o que é que nós atirámos à Tesouraria, ao Ministério do Interior, ao Parlamento?, diz ele.

Cabeças de peixe, digo eu.

A ideia de atirar cabeças de peixe a edifícios históricos oficiais está a divertir-me imenso. O nosso avô aperta o abraço que me envolve.

Não, diz. Pedras, para partir as janelas.

Pouco próprio de senhoras dignas desse nome, diz a Midge do lado oposto da cabeça dele.

Na verdade, menina Midge..., diz o nosso avô.

O meu nome não é Midge, diz a Midge.

Na verdade, éramos senhoras digníssimas desse nome. Atirámos as pedras dentro de saquinhos de linho feitos pelas nossas próprias mãos, especialmente concebidos para colocar as pedras no seu interior. Eis quão senhoras éramos. Mas isso não tem importância. Não tem a menor importância. Prestem atenção ao que vos vou dizer. Estão a prestar atenção? Estão preparadas?

Lá vamos nós, diz a nossa avó.

Nunca vos contei daquela vez em que desempenhei um papel importantíssimo, um papel imprescindível, na operação-de-fuga-do-país da Lily Incendiária em pessoa, a famosa Rapariga-Incendiária-de-Edifícios do Nordeste?

Não, digo eu.

Não, diz a Midge.

Bem, então vou contar. Conto?, diz o nosso avô.

Sim, digo eu.

Está bem, diz a Midge.

Têm a certeza?, diz ele.

Sim!, dizemos em uníssono.

A Lily Incendiária, diz ele, era famosa. Era famosa por um sem-número de coisas. Era bailarina e era também muito, muito bonita.

Sempre de olho nas moças, diz a nossa avó com os próprios olhos fixados no televisor.

E um dia, diz o nosso avô, no dia do seu vigésimo primeiro aniversário, no dia em que a bela (embora nem de longe nem de perto tão bela quanto a vossa avó, claro está),

no dia em que a bela Lily Incendiária se tornou plenamente adulta — que é o que se espera que aconteça no dia em que se faz vinte e um anos —, olhou-se ao espelho e disse de si para consigo: estou farta disto. Vou mudar as coisas. De maneira que saiu de casa nesse instante e partiu uma janela como presente de aniversário oferecido a si mesma.

Que presente ridículo, diz a Midge. Quando eu fizer vinte e um anos, vou pedir um *Mini Cooper*.

Mas não tardou a decidir que partir janelas, apesar de ser um bom começo, não bastava. De maneira que começou a pegar fogo a edifícios, edifícios sem pessoas dentro. E funcionou. Atraiu-lhes a atenção. Nessa altura foi presa inúmeras vezes. E, de cada vez que isso acontecia, lá dentro, na prisão, na cela onde estava, sabem o que é que ela fazia?

O que é que ela fazia?, diz a Midge.

Simplemente deixava de comer, diz ele.

Porquê?, digo eu, e enquanto o digo sinto novamente o sabor da torrada até às entranhas.

Porque era, tipo, anorética, diz a Midge, e tinha visto demasiadas fotografias dela própria em revistas.

Porque era a única coisa que podia fazer, diz-me o nosso avô por cima da cabeça da Midge. Todas o faziam, como forma de protesto, nessa altura. Qualquer uma de nós o teria feito. Eu também o teria feito. Da mesma maneira que vocês o teriam feito.

Bem, *eu* não o teria feito, diz a Midge.

Terias, sim. Também o terias feito, se não te fosse possível fazer mais nada. Mas depois obrigaram a Lily Incendiária a comer.

Como?, disse eu. Não se pode *obrigar* uma pessoa a comer.

Enfiando-lhe um tubo pela goela abaixo e enfiando comida pelo tubo abaixo. Mas acontece que lho enfiaram

no lado errado da goela, no interior da traqueia, por engano, e injetaram-lhe a comida diretamente para os pulmões.

Porquê?, digo eu.

Ui, diz a Midge.

Rob, diz a nossa avó.

Elas precisam de saber, diz o nosso avô. É verdade.

Aconteceu. E aquilo de lhe enfiarem o tubo na traqueia deixou-a mesmo muito doente, de maneira que tiveram de a libertar da prisão porque chegou a estar às portas da morte. E isso não podia acontecer, porque daria uma muito má imagem da polícia e da prisão e do governo. Mas quando a Lily Incendiária melhorou tinham aprovado uma nova lei que dizia: Assim que uma dessas raparigas recuperar a saúde em liberdade e não estiver à beira da morte na prisão, às nossas mãos, como se fôssemos nós os responsáveis pela morte dela, estamos autorizados a ir direitinhos ao seu encontro e a prendê-la outra vez. Mas sabem o que aconteceu?

O que aconteceu?, digo eu.

O que aconteceu?, diz a Midge.

A Lily Incendiária escapou-lhes por entre os dedos vezes sem conta. Safou-se impunemente vezes sem conta. Pegou fogo a edifícios devolutos vezes sem conta.

Essa rapariga era meio doida, diz a Midge.

Apenas edifícios devolutos, é importante não esquecer isso, diz o nosso avô. *Nunca porei em perigo nenhuma vida humana que não a minha*, disse ela. *Vozeio sempre que entro num edifício para me certificar de que não está lá ninguém. Mas continuarei a fazê-lo durante o tempo que for necessário até as coisas melhorarem.* Foram as palavras dela em tribunal. Usava uma quantidade imensa de nomes diferentes em tribunal. Lilian. Ida. May. Isto foi antes de eles conhecerem o rosto de toda a gente, como conhecem hoje, razão pela qual

ela conseguia escapar-lhes por entre os dedos como a água quando a apertamos ao fechar as mãos. Isto foi antes de eles usarem vídeos e fotografias como fazem agora, para saberem quem toda a gente é.

Ergo a minha mão, cerrada num punho. Abro-a, depois fecho-a.

E continuou a fazê-lo, diz ele. E a polícia continuou atrás dela, uma e outra vez. E da vez seguinte, sabíamos disso, de certeza que ia morrer, ia morrer se a voltassem a apanhar, porque estava demasiado debilitada para fazer aquilo de não comer muitas mais vezes. Até que um dia, prestem atenção, estão a prestar atenção?

Sim, dizemos.

Um dia, diz o nosso avô, uma das nossas amigas apareceu-me em casa e disse-me: Amanhã tens de te vestir de moço de recados.

O que é um moço de recados?, digo eu.

Chiu, diz a Midge.

Eu era baixinha, diz o nosso avô, e, apesar dos meus dezanove anos, passava por uma miúda de doze ou treze. E tinha um certo ar de rapaz.

Claro, diz a Midge, porque *eras* rapaz.

Chiu, digo eu.

E vasculhei as peças de roupa que ela me tinha trazido numa mala, diz o nosso avô, estavam lavadas, não cheiravam mal, cheiravam um bocado a couro, um bocado a rapaz.

Oh, diz a Midge.

Como é o cheiro a rapaz?, digo eu.

E, ao olhar para elas, fiquei com a impressão de que me serviriam. E de facto serviam. De maneira que as vesti na manhã seguinte e entrei na furgoneta de merceeiro parada à porta de minha casa para me apanhar. A rapariga ao volante

da furgoneta saiu para dar o lugar a um rapaz e beijou o rapaz ao sair. E, antes de entrar na caixa coberta de lona, a rapariga deu-me uma revista de banda desenhada enrolada e uma maçã, e também um cesto com coisas, chá, açúcar, uma couve, algumas cenouras. E disse-me: Puxa a boina para baixo e enfia a cabeça na revista de banda desenhada, e, quando saíres da furgoneta, come a maçã. De maneira que fiz essas coisas, fiz o que ela disse, abri a revista ao acaso e segurei-a à minha frente, e as imagens saltitaram diante dos meus olhos o caminho todo, e quando chegámos à casa o rapaz que ia a conduzir parou a furgoneta e a porta principal da casa abriu e uma mulher berrou: Muito bem! É aqui! E contornei a casa em direção às traseiras, que era o que os moços de recados normalmente faziam, de cara escondida atrás da revista, e dei duas trincas na maçã, que era grande, as maçãs eram muito maiores naquele tempo, no tempo em que eu era rapariga.

Desta vez a Midge não diz nada. Toda ela é atenção, tal como eu.

E no corredor da enorme casa antiga vi-me num espelho, só que não era um espelho, nem era eu. Era outra pessoa vestida exatamente da mesma maneira, era um rapaz bem-apessoado que trajava as mesmíssimas roupas. Mas era mesmo muito bonito, e foi isso que me fez perceber que ele não era eu e eu não era ele.

Rob, diz a nossa avó.

Era bonito, apesar de magro como um espeto, e pálido, e dirigiu-me um sorriso rasgado. E a mulher com quem eu tinha atravessado a casa virou o cesto ao contrário e os produtos de mercearia espalharam-se pelo chão, como se para ela os produtos de mercearia fossem uma coisa sem a menor importância, e depois estendeu o cesto vazio ao

rapaz bonito e disse-me que lhe desse a revista de banda desenhada e a maçã. O rapaz agitou ligeiramente o cesto no braço e deixou a revista de banda desenhada cair-lhe aberta na mão, depois deu uma dentada na maçã que segurava na outra e zarpou, voltando-se e piscando-me o olho no momento em que cruzava a porta. E eu vi. Não era de maneira nenhuma um rapaz. Era uma bela rapariga. Fora a bela Lily Incendiária em pessoa, vestida exatamente como eu, quem se tinha voltado para mim e piscado o olho.

O nosso avô pisca o olho à nossa avó. Não é verdade, Helen?, diz ele.

No tempo das tribos celtas, diz a nossa avó, eram as mulheres a mandar. Precisamos sempre de lutar por aquilo que perdemos. Mesmo que não saibamos que chegou a pertencer-nos. Vira-se para o televisor. Valha-me Deus. Seis a zero. Abana a cabeça.

Quero mandar, digo eu.

Já mandas quanto baste, diz o nosso avô, graças a raparigas como a Lily Incendiária. E querem saber a melhor, querem saber a melhor? Nesse dia ela conseguiu alcançar a costa, percorreu quilómetros atrás de quilómetros até um barco que a esperava, sem que a polícia que vigiava a casa se tivesse apercebido sequer de que ela tinha lá estado e que de lá saíra.

Avô, és meio doido, diz a Midge. Porque, se fizermos os cálculos, mesmo que fosses uma rapariga, essa história faria de ti alguém que nasceu no princípio do século, e sim, quer dizer, és velho e tudo, mas não és assim tão velho.


Midge, minha feroz e cínica querida, diz o nosso avô. Vais ter de aprender o tipo de esperança que faz das coisas História. Caso contrário nada haverá em prol das tuas próprias grandes verdades nem haverá grandes verdades para a tua própria prole.

Anthea e Imogen Gunn são duas irmãs que vivem juntas na pequena cidade de Inverness, na Escócia. A primeira é uma idealista, um espírito livre que detesta o emprego e o seu ambiente corporativo, ao contrário da sua irmã, uma pessoa pragmática, focada na carreira e no sucesso profissional. Entre elas, subitamente, surge Robin, figura contestatária e apaixonada defensora do meio ambiente, avessa a todos os convencionalismos sociais, e que irá revolucionar a vida de ambas.

Em *Rapariga Encontra Rapaz*, Ali Smith reescreve Ovídio e o mito de Ífis numa extraordinária história sobre enamoramento e consciência social, enganos e revelações, para, com a sua reconhecida capacidade de descobrir a poesia no quotidiano, nos contar algo sobre nós mesmos e sobre o mundo que construímos.

«Poético... Ali Smith relembra um ensinamento antigo: que a música das palavras marca o seu ritmo até ao conhecimento.»

The Times

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-61-1  9 789898 864611 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	